

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO  
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 106

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º ANNO

## A QUESTÃO CLERICAL

Todos os esforços de Jacques I foram a favor do despotismo religioso e politico.

Seu filho, Carlos I, excedeu-o.

Subindo ao throno no meio d'uma excitação e desprezo geral contra seu pae, não fez senão agravar a situação. Começou logo por casar com uma beata, Henriqueta de França, irmã de Luiz XIII, filha da celebre prostituta Maria de Medicis, que continuou as tradições da grande infame Catherina de Medicis, associando-se, com os jesuitas, para o assassinio de seu marido Henrique IV, depois de ter sido amante reles do aventureiro italiano Concini, de que continuou sendo concubina indecente até á revolta de seu filho Luiz XIII, revolta que se iniciou pelo assassinato do tal aventureiro, já então grande do reino com o titulo de marechal d'Ancre.

Os leitores que vão sempre reparando nos bellos productos do clericalismo. Faltava juntar esta Maria de Medicis, caracter depravado, a tanta dissoluta e infame que temos vindo referindo e citando.

Filha d'uma beata tão indigna e odiosa que não hesitou em planejar, com os jesuitas, o assassinato de seu proprio marido, que foi um rei illustre, por excepção liberal e tolerante, excepção que resultou da sua vida de luctas e desgraças, onde aprendeu muito; filha d'essa beata repellente, Henriqueta impoz logo como condição do seu casamento não só liberdade ampla, para si e para as pessoas do seu sequito, no exercicio do seu culto—e até aqui o mal não era grande—como protecção, dada pelo rei, a todos os subditos inglezes que seguissem a religião catholica.

Esta protecção, que foi aceite por Carlos I n'um artigo secreto do contracto de casamento, era uma protecção, claro é, como a entendem os beatos. Protecção que se limita á concessão de todos os favores e privilegios para elles e de todas as intolerancias e perseguições para os adversarios.

Foi sempre assim e nunca ha de ser d'outra fórma.

Henriqueta não tardou a demonstrar o seu zelo catholico. E Carlos I, que era neto de Maria Stuart e bisneto dos Guises, de educação e tradições profundamente reaccionarias, alegremente fez causa commum com a mulher.

Mais energico do que seu pae, quiz impôr á valentona a politica reaccionaria que este tinha querido impôr um pouco sophis-

ticamente. O resultado foi avolumar-se a corrente da indignação publica. Precisando de dinheiro para a guerra contra a Hespanha, pediu-o ao parlamento. O parlamento recusou-lho. O rei dissolve-o. Reunido o outra vez, a opposição parlamentar accentua-se mais violenta. Levanta outra vez a questão religiosa. Passa audaciosamente do campo religioso para o campo politico formulando a celebre *petição de direitos*, que, na phrase d'um escriptor reaccionario, era uma *barreira ao poder régio*.

«Que ninguém possa ser preso, nem mesmo por ordem do rei, sem se declarar o motivo legal da prisão.

Que não se possam exigir dons gratuitos, de emprestimo ou de subsidios sem o consentimento das duas camaras.

Que os cidadãos não possam ser onerados com aboletamentos militares, tanto para tropas de terra como de mar.

Que fique abolida a lei marcial e que ninguém possa ser julgado senão segundo as formulas ordinarias e as leis do reino.

Taes eram as restricções da famosa *petição de direitos*, tão importante, diz Armand Carrel, para as liberdades nacionaes, como o acto de 1621 tinha sido para os privilegios das communas.

O rei hesitou, ladeou, chicanou, mas não teve remedio senão ceder, o que representava um completo triumpho para o partido liberal. *Que a lei seja feita como é requerida*, assignou emfim. E a *petição de direitos*, diz Cesar Cantu, *ficou sendo a segunda lei fundamental da Inglaterra*.

Porém, como todos os despotas—e Portugal é fertil na historia d'esses expedientes—o rei assignou com o proposito feito de destruir, na primeira conjectura, aquillo a que as circunstancias de momento o obrigavam.

Correu o boato de que queria ganhar tempo para mandar vir tropas da Alemanha. Isto enfureceu o povo, excitando as paixões.

Além d'isso o rei persistia em manter ao seu lado o duque de Buckingham, que a nobreza odiava. E assim juntava o descontentamento dos fidalgos, já irritados com os favores concedidos aos bispos em detrimento das suas regalias e privilegios, ao descontentamento dos burguezes e do povo.

Buckingham foi assassinado por João Felton. Mas o rei substituiu-o por outro favorito mais odiado ainda, o radical Thomaz Wentworth, que fez conde de Strafford. Mais odiado ainda porque tendo sido este homem o mais eloquente orador da camara dos communs na defesa dos direitos

populares, trahi-os completamente, passando-se para o partido do rei, onde continuou o papel antipathico de Buckingham. E não ha nada que affronte mais a consciencia publica que a apostasia.

A lucta exacerbou-se.

O rei creou e linçou novos impostos, augmentou ainda mais os privilegios dos bispos, obrigou todos os dissidentes protestantes a assistir nas egrejas ás ceremonias do culto official e castigou com rigor as desobediencias. Foi a ultima provocação á guerra civil.

Partiu dos presbyterianos e escossezes o grito de alarme. A Escossia levantou-seem peso contra as innovações religiosas do rei e contra as suas violencias á liberdade de consciencia. Carlos respondeu com o cadafalso e a tortura. Mas, como sempre, os puritanos foram d'um estoicismo estupendo e soffreram, impávidos, as torturas, as perseguições e a morte. O rei, assustado, decretou a amnistia com a condição de ser mantida a liturgia official. O povo, então, correu ás armas. Formil homens.

*Moram os episcopos!* Era o grito de guerra em toda a Escossia.

Vejam os leitores. Vejam, pasmem e admirem. Sempre a mesma tenacidade na defesa da liberdade do pensamento. Sempre o povo inglez a resistir á reacção religiosa. Sempre, a travez de mil torturas, de mil perseguições, não obstante o cadafalso, não obstante a fogueira, sempre, desde o reinado de Henrique VIII. E assim se manteve em lucta formidável até á queda dos Stuarts, até ao advento dos Orange!

Extraordinaria campanha! Extraordinaria resistencia!

Saibam os portuguezes como se combate e como se vence a reacção religiosa. Não é com os traficantes das *Ligas Liberaes*, vermelhos entre os vermelhos e azues entre os azues. Não é com os Fuschinis, com os socialistas de meia tigela e como os republicanos sem vergonha.

A lucta tremenda, que fez cair no cadafalso a cabeça de Carlos I de Inglaterra, não foi uma lucta de character politico, como algumas vezes temos lido nos falsarios do jornalismo e da litteratura portugueza. Não. O proprio Cesar Cantu, que temos citado ultimamente de preferencia por ser aquelle que os leitores mais facilmente podem consultar e por ser um historiador franca e abertamente reaccionario, o affirma e comprova.

A questão politica foi uma consequencia da questão religiosa.

«O grito de insurreição partiu da propria egreja onde se fez

o primeiro ensaio da liturgia anglicana. A esse grito: *abaixo o papa, abaixo os bispos*, todas as classes sociaes correram a Edimburgo e redigiram e assignaram, n'um conselho commum, o famoso convenio pela qual todos, nobres, burguezes, padres e habitantes dos campos se comprometiam a nunca consentir na Escossia o estabelecimento do episcopado, que consideravam tão perigoso e damnado como o proprio papismo, tão inimigo, como este, das liberdades e franquias nacionaes. Para sustentar esse juramento, organizaram os escossezes um bello exercito, que se disciplinou promptamente ás ordens de officiaes educados no emprego das armas durante as guerras continentaes.» (Armand Carrel, livro já citado, pag. 32 e 33.)

Este exercito transpoz a fronteira ingleza. Debalde os episcopos quizeram despertar o cinze da Inglaterra contra a Escossia. Debalde os lords conservadores e os bispos inglezes offereceram centenas de milhares de libras sterlingas a Carlos I para organizarem um exercito de Londres contra se. Seguiram-lhe o exemplo as maiores e principaes cidades inglezas. E o rei pediu a paz. Para logo a atraiçoar, claro é. Costume real que não fallia, quando se trata da lucta entre o despotismo e a liberdade. Que não fallia, imbecis indigenas que andaes cantando honnias realengas!

O parlamento accusou Strafford, o reuegado Thomaz Wentworth, e intimou-o a ir á barra. Strafford foi. Mas nem a sua eloquencia, nem a sua chicana, o salvaram da morte. Foi condemnado á pena ultima. E o rei, o rei que lhe dissera: «Não vos tocarão n'um unico cabello» assignou a sentença capital.

Strafford subiu ao cadafalso exclamando tristemente: «Não confieis nos reis nem nos filhos dos homens porque d'elles se não espera salvação».

Carlos I lavrava a sua propria sentença, deixando morrer o homem que encarnara toda a sua politica de reacções e de mentiras.

«Assim, pois, achava-se o throno sem defesa. A rainha, catholica, e que fóra, depois da morte de Buckingham, a unica favorita de Carlos, temia por si mesma. Ao odio a Carlos tyranno juntara-se o desprezo a Carlos covarde; porque não sabia ter a força necessaria para resistir, nem conhecer o momento opportuno para ceder.» (Cesar Cantu, *Historia Universal*, pag. 263, vol. X.)

«Carlos deixou executar a sentença que condemnava Strafford á morte. De todos os sentimentos que lhe tinham sido

pedidos era o unico que elle não deveria conceder em caso algum.» (Armand Carrel, pag. 34 a 35.)

Mas concedeu-o.

Essa concessão demonstrou a sua covardia. D'ahi por diante era-lhe forçoso conceder tudo ou perder o throno e a vida. Concedeu a abolição dos monopolios, a supressão de todos os tribunaes de excepção, tanto civis como religiosos, a rehabilitação de todos os cidadãos que por elles tinham sido condemnados, que o parlamento se reunisse de tres em tres annos pelo menos, que só o parlamento tivesse o direito de se addiar e dissolver, que só o parlamento votasse e fixasse as despesas e vigiasse o emprego dos dinheiros publicos, que só o parlamento interviesse nos negocios considerados até ali das attribuições exclusivas do conselho privado, que só elle fizesse as nomeações judiciais e regulasse a auctoridade do rei e dos bispos na Egreja. Era muitissimo. A realza do direito divino, que fóra a preocupação de todos os reinados anteriores, ia-se por a gua abaixo. Carlos I, que subira ao throno com o proposito feito de vingar as fraquezas do pae, do pae que nunca tinha conseguido fazer valer o seu absolutismo, naufragava miseravelmente.

Era muito o que lhe tinham pedido e o que elle se viu obrigado a conceder. Muitissimo. Mais do que o sufficiente para annullar o poder real. Mas não era tudo. O parlamento pediu ainda para dispôr livremente das forças militares do reino. Este golpe final era, para os costumes do tempo, não já a ruina inteira do poder real como a ignominia d'esse mesmo poder.

O rei, então, recusou. Mas, desastrado e pouco feliz, recusou nas circunstancias mais difficeis e perigosas. Recusou quando a Irlanda catholica se revoltava massacrando quarenta mil inglezes.

Carlos I foi accusado logo de ser o verdadeiro fautor d'essa revolta. E a accusação era verdadeira. A rainha, catholica e beata, esteve, desde o dia em que subiu ao throno, em relações intimas com os irlandezes, esperando d'elles auxilio contra os protestantes como elles esperavam d'ella auxilio contra os inglezes. O rei, que mais ou menos entrou desde o principio n'essas negociações por odio aos puritanos, lançou-se abertamente n'ellas para o fim, como meio de combater os presbyterianos da Escossia. Querria oppôr á revolta anti-papista da Escossia a revolta papista da Irlanda.

A tormenta, que então se desencadeou, foi medonha. O parlamento dirigiu uma proclamação

ao paiz, revelando a conspiração jesuita e papista contra a liberdade e a constituição. O rei fugiu de Londres. A rainha pediu asilo a França, que lho negou. Quasi todos os pares, os episcopos, os catholicos se juntam em volta do rei. O parlamento, apoiado pela grande maioria da nação, declara-lhes guerra e marcha contra o partido realista que desfralda a sua bandeira em Nottingham, para onde o rei tinha fugido. Este, que tem ao principio algumas vantagens, é derrotado por fim. Na batalha de Naseby não só perde toda a sua artilheria como deixa nas mãos dos parlamentares papeis importantissimos, que provam a sua má fé, a sua perfidia, os seus conluíos com os inimigos da liberdade e da patria. Fugiu para Oxford. Depois da tomada de Bristol, vendo que toda a resistencia era inutil, rendeu-se aos escossezes, que lhe mettiam menos medo. Os escossezes, porém, aliás, no fundo, amigos da casa de Stuart, entregaram-no sem demora aos inglezes.

Carlos foi levado a Londres, julgado, condemnado á morte e justicado na praça do White Hall, onde a sua cabeça rolou como a do mais infimo criminoso, tendo sido antes injuriado nas ruas da cidade, offendido, cuspido até.

Tanto pôde a energia popular, quando a inspira e guia o amor da liberdade e da patria.

Homens de Portugal, que tanto admirais a Inglaterra, ali tendes o segredo da força, da prosperidade, da civilisação, da grandeza d'esse paiz que ensonbra o mundo.

Grande pela sua liberdade, e pela sua liberdade religiosa, que precedeu e produziu a liberdade politica.

E' o grande facto. Incontestavel para todos os historiadores, incontestado por todos que sabem historia.

E continuaremos.

### Fallecimento

Victimado por uma perniciosoa, falleceu em Africa o nosso patricio, José Campos da Silva Salgueiro, irmão dos nossos amigos P.º Lourenço Salgueiro, director do Asylo-Escola e João Campos Salgueiro, socio da firma commercial visconde da Silva Mello, Successores.

O finado era gerente da «Compagnie Propriétaire du Houillon-Niari» no Congo Francez, onde gosava da estima dos seus chefes e de todo o pessoal da Companhia, occupando já um posto elevado no quadro, antecedendo um futuro brilhante pelas suas bellas qualidades. Contava apenas 26 annos de idade.

Ainda há pouco o vimos n'esta cidade cheio de saude, depois de um longo periodo de 7 annos em Africa.

Que descanse em paz o desventurado moço.

A seus irmãos enviamos a expressão das nossas condolencias.

### Os enterramentos em vida

Diz uma revista scientifica franceza.

«Muita gente estremece á ideia de poder ser sepultada viva, sobretudo quando se pensa que o unico signal apparente da morte é a decomposição. Um medico affirma conhecer um meio seguro de verificar a morte.

Basta pôr, diz elle, n'um sitio escuro, a mão da pessoa que se crê morta diante de uma luz. Se os dedos, especialmente nas extremidades, parecem transparentes, com uma leve coroação rosea, a morte não se deu; pelo contrario, se a mão cobre a luz como uma barra de ferro e lhe embarga os raios, é que foi exhalado o ultimo suspiro».

## Não acreditamos

O *Seculo*, de quinta feira, publicava o seguinte telegramma:

«Aveiro.—t.—O dr. Jayme Lima trabalha activamente para a proxima eleição municipal.

Consta que apoiará o sr. Francisco Regalla, reitor do lyceu, para a presidencia.

Diz-se que se oppõe a esta lista uma outra, em que occupa o primeiro lugar o sr. conde da Talheira.»

Não acreditamos que o sr. Jayme de Magalhães Lima cometta a imprudencia de apoiar a candidatura do ex-cidadão Francisco Regalla.

O sr. Jayme de Magalhães Lima, cujas opiniões ultra-conservadoras são bem conhecidas, deve-se dar por satisfeito com a paz em que, n'este periodo de excitação anti-clerical que vamos atravessando, o tem deixado viver com ellas.

Julgamos que sua excellencia não julgará, pelo facto de uma cambada, que se diz vermelha, fazer alarido a favor da sua pessoa, que tem amordaçada a opinião democratica de Aveiro. Essa opinião—e toda a gente o sabe—só o *Povo de Aveiro* a representa com verdade e sinceridade. Força militante democratica em Aveiro só ha uma: é o *Povo de Aveiro*. O resto, com raras excepções, é uma cambada e só uma cambada. Fóra d'esta cambada ha opiniões liberas. Mas estas, que são muitas, não tem etiqueta. Vão com quem tem auctoridade, escutam quem tem a recommenda-lo n'um passado d'abuegação, de coherencia, de serviços desinteressados á causa democratica e, por isso mesmo, nos escutam a nós, porque já hoje, em Aveiro, só nós temos essa tradicção e essa auctoridade.

E'pos, indifferente toda a politica de corrilhos e de influencias locais. Mas não nos é indifferente a politica reaccionaria nem os ultrajes á liberdade.

Se hontem estigmatizámos, vivamente, a offensa feita pelo sr. Luiz de Magalhães á democracia anti-clerical nas referencias á politica de seu pae, o mesmo faremos amanhã com o sr. Jayme de Magalhães Lima ou com outro qualquer.

O sr. Jayme de Magalhães Lima propõe-se deputado, sem o nosso applauso nem a nossa opposição, porque sua excellencia ainda não manifestou publicamente, o seu sentir reaccionario. Sabemos nós que sua excellencia não morre d'amores pela liberdade. Mas d'amores por ella não morre tambem nenhum dos seus antagonistas na politica local. E, então, emquanto não se desmaia, cararem, como não temos por onde escolher deixámos correr o *marfim*, sem, contudo, nutirmos sympathias por nenhum.

Respeitámos o caracter do sr. Jayme de Magalhães Lima. E' um homem de bem. Mas sendo isto muito não é o sufficiente para atrahir adhesões e applausos em politica.

Podemos, dadas as circumstancias expostas, ser neutras em face de sua excellencia e dos seus adversarios. Nada mais. Ninguém se illuda com a nossa attitude na politica local.

Com o ex-cidadão Francisco Regalla o caso, porém, muda completamente de figura, como mudará com o sr. Luiz de Magalhães, infimo amigo do sr. Jayme de Magalhães Lima, pensando ambos o mesmo em tudo, se o sr. Luiz de Magalhães se lembrar amanhã de mudar a sua candidatura da Póvoa de Varzim para Aveiro, ou apresentar o seu nome aos suffragios d'esta terra ainda que seja para o cargo politico mais insignificante.

A estes moveremos guerra sem tréguas e sem quartel, como é dever de todos quantos prezam a liberdade, e a honra d'esta terra.

O ex-cidadão Francisco Regalla é o mais feoz reaccionario de casaca que tem a cidade de Aveiro. Nunca nos aggravou pessoalmente, ao contrario. Mas aggravou-nos na viravolta das suas opiniões religiosas e politicas. Quem escrevi estas linhas nunca pertenceu ao numero dos billetes que applaudem ou perdoam tudo nos outros enquanto os outros não os aggravem pessoalmente. Todas as nossas pendencias tem sido por motivos politicos, rarissimas por motivos pessoais, digam o que disérem aquelles que não poupamos e a quem não perdoamos.

Podemos esquecer agravos pessoais e algumas vezes os temos esquecido. Não esqueçemos, nem esqueceremos, nunca, perdoámos, nemperdoaremos, offensas aos principios e agravos ás nossas idéas.

O sr. Francisco Regalla foi republicano. Como tal pagava uma mensalidade ao *Centro Eleitoral Republicano Aveirense*, nos primeiros mezes da sua fundação, com um nome supposto, como a pagava, nas mesmas condições, o auctor destas linhas. Como tal nos escrevia cartas de Caminha para Aveiro e de Aveiro para Lisboa. Como tal, senão então como republicano declarado, como inimigo aberto do clericalismo pelo menos, vitorion o *Povo de Aveiro* nas ruas, a o seu redactor, quando foi da questão das irmãs da caridade. Contra estas se manifestou vivamente no *Districto de Aveiro*.

Depois, appareceu-nos por toda a parte defendendo a *outrance* a feroz reacção que de 1889 para cá se estabeleceu em Portugal.

Rompemos com elle. Por isto e só por isto! Alguem que prove o contrario.

Rompemos com elle quando nos cançámos de o ver persistir na sua apostasia, depois de termos manifestado o nosso desgosto, em particular, a todos quantos conviviam connosco e com

o ex-cidadão se associava ao celebre juiz de direito da comarca para condemnar o *Povo de Aveiro* n'um processo de liberdade de consciencia, contra o voto de um homem que não só nunca tinha sido republicano como era, por cima, nosso inimigo pessoal n'um artigo onde o jury de Vagos, primeiro, e o Tribunal da Relação do Porto, unanimemente, por fim, não viu injurias nenhuma á religião catholica apostolica romana.

E' este homem, que o sr. Jayme de Magalhães Lima apresenta aos suffragios d'esses eleitores, que andam para ali a encher a bocca com o nome de José Esteyão?

E' este homem, que o sr. Jayme de Magalhães Lima recommenda á cambada *vermelha* que berra na rua por José Esteyão e vota nas urnas pela reacção?

E' este homem o candidato dos *liberalões* da Liga, que tem estado a dormir até hoje e que julgou talvez adormecer nos tambem com uns applausos, que muito agradecemos sendo coherentes e sinceros, mas que repelliámos, com indignação, se eram incoherentes e hypocritas?

Pois, senhores, vae ex-cidadão Francisco Regalla dar vivas á Christina, já que não pôde outra vez dar vivas ao *Povo de Aveiro* e ao seu redactor principal.

Olé!

Elle e mais algem com elle. Sé fór verdade que o sr. Jayme de Magalhães Lima recommende a sua candidatura, o que nos custa, por enquanto, a acreditar.

E custa-nos a acreditar por varios motivos. Francisco Regalla não é menino que se declare francisco, com o João Franco a naufragar.

Só se os hintzaceos e os franciscoes vão jogar unidos contra os progressistas em Aveiro.

Então sim.

Veremos e fallaremos.

### Exame

Fez exame de instrucção primaria, ficando approved com distincção, o menino Livio da Silva Salgueiro, filho do nosso amigo, sr. João Campos da Silva Salgueiro, a quem damos os parabens.

### Desastre

Na terça-feira, quando passavam os recrutas que iam para o campo do Rocio fazer exercicio, uma creanga de 13 annos de idade, filha do sr. Antonio Gloria, chefe de guarda fies, foi á janella vêr passal-os, debruçando-se de mais, o que deu em resultado cair á rua do 1.º andar, esmagalhando o craneo e recebendo varias contusões pelo corpo.

O estado da infeliz creanga é pouco tranquillizador.

## Cartas d'Algures

15 DE AGOSTO.

A ultima reforma eleitoral é uma d'essas manifestações de falta de caracter a que me venho referindo.

O despotismo tem varios processos. O mais nobre é o mais declarado e franco. O mais vil é o que se reveste de formulas hypocritas. E' este precisamente o que domina entre nós.

Pois não seria muito mais digno supprimir, pura e simplesmente, o regimen constitucional? Não é indecoroso andarmos todos a falar em liberdade, andar o regimen vigente a declarar-se liberal a cada passo, a reunir tropas para abrir as camaras, a pôr um estofo nas mãos de sua alteza e um discurso nas mãos de sua magestade, a manter de grande gala os dias da orthoga e juramento da carta constitucional, quando é certo que em Portugal nem ha camaras, nem liberdades, nem cartas, a não ser cartas de namoro, que estas d'outros, mas ordinarias e reles como os proprios protagonistas d'amor n'esta terra de imbecis e de farçantes?

Fala-se. Eu estou falando até, talvez, com uma certa largueza. Mas não devo isto á liberdade. Devo-a á indifferença do senhor Motta Prêgo, que me consta ser o nome do governador civil d'esse districto. No dia em que o senhor Motta Prêgo, por iniciativa sua ou ordem superior, entender, como entende ás vezes aquelle famoso senhor que governa o districto do Porto, que devo calar á bocca, eu calo-a, porque não tenho outro recurso.

Hei-de me desforçar, porque não sou menino, nunca fui, nem nunca hei de ser, para receber um coice sem usar contra o burro de todas as representalias que en, tenaz e energicamente, possa procurar e accumular. Devo essa felicidade ao meu temperamento. Se o poderoso agente da poderosa auctoridade, que tem policia, tropa, tribunaes, etc, ao seu dispôr, não para manter o direito nias para impôr o arbitrio, me mandar amanhã calar a bocca n'esta coisa que se chama imprensa legal, eu calo-a, é claro. Eu não sou o nephelibata João Chagas que esperava uma segunda revolução da sua condemnação á Penitenciaria e, mais tarde, motins publicos da sua clausura no Limoeiro. Eu não pertenco á turba multa dos patetas. Posso praticar uma imprudencia ou de colera. Mas fóra d'isso, não. Nem imprudencias, nem nephelibatices, nem asneiras. Amanhã, com um exercito, dou batalha campal porque tenho força para isso, que é a força do exercito a que pertenco. Mas só-sinho, ou com uma guerrilha, offerecer-me como alvo ao inimigo n'umerosamente agrupado ou fortemente organizado, é peor que o Quichote a esgrimir contra os moihos ou a carregar sobre os carneiros. Então, não. Nem entro

com idiotas em batalhas campaes, nem fujo como elles. Faço a guerra individual ou de guerrilhas, que é a guerra das supezas, das embuscadas, dos lauces occultos e imprevisitos. Mato, se posso matar, arranbo, se posso arranbar, mordo, se posso morder, faço tudo quanto é licito fazer a um homem na defeza do direito, da razão e da justiça, contra um grande bando que não conhece senão a arbitrariedade e o despotismo.

O que pôde um homem, em taes circumstancias, licitamente fazer? Tudo, ou quasi tudo. Tudo o que forem actos de guerra consagrados pelo uso. E dizemos pelo uso porque o tal direito internacional ainda não passou, geralmente, da cabeça dos philosophos para os tratados das nações. A muito poucas concessões ellas se tem limitado. Muito pequenos os compromissos que adquiriram. Estão semi-barbaras ainda.

Faço tudo e faço-o apoiado na razão e no bom senso. Eu nunca vi nada mais idiota e mais immoral que os processos da republica n'esta terra. Transigindo com todas as patifarias e vergonhas, os cidadãos republicanos são, ao mesmo tempo, cavalleiros andantes de rosa no escudo e dama no pensamento. Não levantam uma voz, contra o Jacintho Nunes a pregar radicalismo e a fazer accordos. Aham divino o Manuel d'Arriaga a cantar a egualdade e a orgulhar-se da sua stirpe fidalga; a fazer rhetorica anti-clerical e a consentir na familia o mais revoltante beaterio; a lançar apostrophes romanticas contra o egoismo monarchico ao par e passo que aprega o sacrificio enorme de se levantar da cama mais cedo, de alterar o seu regimen de doente ou de não ir a S. Carlos para discursar n'uma reunião de salsas em Lisboa, matineé ou sarau, a proposito de qualquer coisa, ou n'um comício de provincia. Aham o Gomes da Silva uma esperanca, a pactuar com todos os arranjos ignobis sem deixar de se arranjar a si proprio bem arranjadinho. Ao mesmo tempo—cá estão elles cavalleiros andantes—calçam lava branca para responder aos processos de imprensa, em que não ha magistrados mas esbirros, em que a espada da justiça se trocou pelo trabuco, e para entrar no Limoeiro. Não por honra propria, que, por honra propria, tratariam, antes de tudo, de expulsar o Gomes da Silva a pontapes e de reduzir Jacintho Nunes, Arriaga e tantos outros a uma coherencia decorosa. Gomes da Silva e socios. Esta firma representa uma poderosa e numerosa sociedade de patifes. (1)

Não por honra propria. Mas por romantismo pelintra e idiota. E' para falarem n'elles, para serem discutidos, é pela pretensão ultra-comica de provocarem manifestações de revolta. A tanto chega a paiermice! Eu ouvi dizer a um, cujo nome me abstenho de referir para o não envergonhar—porque não sou seu inimigo—ouvi dizer a um, certo dia, que estava convencido de que a sua prisão por abuso de liberdade d'imprensa seria motivo para uma séria agitação nacional. A tanto chega a falta de timo d'estes pobres diabos!

Vão para a cadeia, vão no meio da indifferença geral, provocam o riso em vez da irritação, perdem tempo e dinheiro, fazem o jogo do governo, e, ás duas por trez, temo-los de cabeça murcha e pendida, como planta mimosa em tarde de verão, esmorecidos, desalentados, vencidos, queixando-se de tudo e de todos. A breves dias, ou os vamos topar recolhidos na privada, d'onde não sabem já nem a cacete, ou, o que é peor, pedindo empregos, ou fa-

(1) Que se não afflija Gomes da Silva nem a firma. Não vamos contar a historia do restaurante de S. Pedro d'Alcantara nem abrir novas companhias contra certa republicanagem asquerosa. Isto hoje é de raspão.

zendo toda a casta de trapaça e arranjos com os mandões da monarchia.

Este tem sido o espectáculo constante, infelizmente, da maioria dos nossos republicanos. Trapaceiros e tolos!

Se não fossem trapaceiros nem tolos, claro é que tinham outra coherencia e tesura e que aceitavam a guerra tal qual lha offerecessem. Nem fanfarrões, nem covardes. Faziam-lhes guerra leal, sem attentados á liberdade? Respondiam lealmente. Espesinhavam a liberdade, roubavam-lhes o direito, tratavam-nos, como tratam, a pontapé e elles, sem fazerem a revolução immediata, se não tinham meios para a fazer, fugindo dos processos d'imprensa, porque seria tollice acabar com a imprensa, trabalhavam constantemente na sua desforra, n'ella punham o pensamento constante, n'esse fim concentravam a sua intelligencia, e agitavam por todos os meios, e mordiam ás escuras, e feriam d'embuscada e de surpresa, para o que basta só intelligencia, vontade, tenacidade, e caracter. Sim; ha muitos meios de fazer guerra e guerra impertinente e incommoda. Basta só intelligencia. Basta só vontade. Querer e saber. Mais nada. Mas os nossos republicanos foram, são e serão os sapateiros do 31 de Janeiro. Tão burros que em vez de fazerem todos os esforços por lançar no esquecimento a facanha do 31 de Janeiro, que os impoz ao paiz e á Europa como uns imbecis, julgam encher-se de gloria a falar n'ella. Os sapateiros, que se revelaram como a ultima expressão do valor revolucionario. Nem o merecimento d'um cabo d'esquadra, que é a formula da asneira mais completa que se conhece, elles chegaram a ter, ou como militares ou como politicos, ou antes da bernarda, ou durante a bernarda, ou depois d'ella, bernardos no principio, no meio e no fim.

São o que foram. Serão o que são.

Sem coherencia, sem tenacidade, sem vontade, sem intelligencia, nem sentem os agravos, nem os sabem vingar. Dão á lingua, se não ha perigo. Por ali ficam. Encolhem-na resignados e alegres, se o ha. Por ali ficam tambem. Isto de mistura com o odio que todos os impotentes sentem pelos que tem brio e valor.

Sempre a mesma questão de caracter. A reforma eleitoral não teve outro fim senão annullar os republicanos e os francacos. Estes dissolvem-se em pouco tempo nos grupos militantes protegidos pela coroa. Ficam os republicanos.

Claro é que o governo procede d'uma maneira inqualificavel. Se os republicanos tivessem algum tino, o governo perdia, em vez de ganhar, com o seu estratagemas. Os estratagemas torpes não dão resultado senão quando a torpeza é geral. Dois ou tres deputados republicanos não perdiam a monarchiam. Os respiradouros legais da opinião publica foram sempre preferidos, por to-

dos os homens d'estado dignos d'este nome, aos illegaes. Os republicanos, repellidos do campo legal, tinham meios de sobejo para incomodar sériamente a monarchia, para tirarem represalias de valor mesmo sem recorrerem á revolução. E o procedimento do governo seria indigno sem ser proveitoso.

Como os republicanos não tem decoro, o governo nada perde materialmente.

Moralmente, perderam todos. A falta de caracter dos homens da monarchia é a falta de caracter dos homens da republica.

Nem uns, nem outros, tem coherencia, amor dos principios e coragem.

Todos se juntam contra o merito. Todos se entendem e transigem com a falta d'elle.

E d'aqui não sabemos. E enquanto aqui estivermos nada faremos.

A. B.

Finamento

Nos primeiros dias d'esta semana, falleceu na Oliveirinha o sr. David Gonçalves Marques, irmão do sr. dr. Abilio Gonçalves Marques, a quem enviámos o nosso cartão de pezames.

LOUVORES

Foi ha dias publicada e lida, em todos os regimentos da 2.ª divisão militar, a seguinte

Ordem de divisão

Tendo recebido, para o relatório da minha inspecção extraordinária aos corpos d'esta divisão, uma planta do quartel do regimento de infantaria n.º 9, levantada pelo capitão d'esse regimento João d'Almeida e pelo alferes Fernando Alberto de Sousa Guerra; uma planta do quartel de infantaria n.º 13, levantada pelo capitão d'este regimento Antonio Aparicio Ferreira, e ainda outras plantas do quartel de infantaria n.º 14, com todas as suas dependencias, levantadas pelo tenente Joaquim Freire Ruas e pelo alferes José da Fonseca Lebre, sendo a planta do jardim, anexo a esse quartel, acompanhada de vistas photographicas e um bem elaborado relatório devido ao capitão Francisco Manuel Homem Christo, julgo de justiça, usando da faculdade que me confere o artigo 131 do regulamento disciplinar, louvar, como por este meio faço, todos os referidos officiaes pela grande pericia e diligencia com que hão delineado e executado semelhantes trabalhos, que muito se salientam pela perfeição, nitidez e exactidão com que estão feitos.

Equalmente louvo o capitão do regimento de infantaria n.º 10, Albino dos Santos Pereira Lobo pela forma intelligente e muito zelo com que se tem dedicado á instrucção da sua companhia; o tenente ajudante do regimento de infantaria n.º 12 Joaquim de Sá e Mello pelos seus completos conhecimentos sobre topographia e pela maneira habil por que fez o levantamento á vista da zona de terreno que lhe foi por mim indicada, e pela forma por que tem instruido

os officiaes inferiores n'esta especialidade de serviço; e finalmente o tenente Arthur Fernandes Villão, pela maneira acertada, como tem instruido os sargentos e mais praças em gymnastica e esgrima.

Quartel General em Vizeu, 7 de agosto de 1901.

O commandante da divisão, João Pedro Caldeira General de divisão.

Sabemos que o nosso patricio capitão Homem Christo prestou serviços mais importantes que os que ficam mencionados e pelos quaes é louvado. Não se referindo o documento acima transcrito a esses serviços, sobre os quaes não diz uma palavra, é de crer—e deve ser esse, seguramente, o motivo de tal omissão—que o sr. commandante da 2.ª divisão, cujo espirito equitativo e justo é de todos conhecido, os reputasse de merito superior ao premio que está na alçada disciplinar de s. ex.ª e, por este motivo, os recommencasse ao sr. ministro da guerra, em obediencia á lei, que, em taes casos, assim o determina.

E' de crer, tambem, que o sr. ministro da guerra não faça caso d'essa recommendação, por isso que o sr. capitão Homem Christo nem é menino bonito, nem está, nas altas regiões, em cheiro de santidade. E para estes raramente ha justiça. Contudo, como a força d'esta é grande e como nem todos os homens são perversos, ella lá apparece de quando em quando.

Seja como for, como o sr. capitão Homem Christo, nosso patricio e amigo, nunca põe o seu merito pouco ou muito, pequeno ou grande, ao serviço do interesse, mas da liberdade, da civilisação e da patria, com a abnegação que amigos e inimigos são obrigados a reconhecer-lhe, como publicamente, mais do que uma vez, lhe tem reconhecido, pouco importa que, officalmente, os seus serviços sejam premiados ou não.

Importa só registrar—e é o que fazemos—que esses serviços existem, que o sr. capitão Homem Christo é um profissional que ganha honradamente o dinheiro da nação, porque trabalha com verdadeira dedicação e verdadeiro zelo. E isto, no meio d'uma cohorte de mandriões, tem incontestavel valor moral.

Importa só registrar—e o documento acima transcrito mais uma vez o provou—que o sr. capitão Homem Christo tem de produzir como cem para valer como dez e que sendo os outros louvados facilmente elle só o é quando se torna um crime de lesa cons-

ciencia louvar os outros sem o louvar a elle.

Justiça portugueza, diz um amigo que nos escreve.

Assim é. Mas do mal o menos. Podia ser peor.

Temos vivendo com ella.

A excursão a Aveiro

Como noticiámos, chegou no domingo ultimo a esta cidade o Grupo de Propaganda Fraternidade Social, da cidade invicta.

Logo de manhã, os operarios aveirenses pozeram-se em movimento, muitos com o proposito de ornamentarem as casas em construcção nas ruas por onde havia de passar o cortejo, e outros com o entusiastico desejo de saudarem os seus bons collegas. Todas estas manifestações espontaneas tomaram um outro caracter mais imponente quando se reuniram as diversas classes artisticas, com as suas respectivas bandeiras e estandartes, no Largo Municipal, cerca das 8 horas da manhã. Umam 2 mil pessoas, organizadas em cortejo, e acompanhadas das duas phylarmonicas da cidade, dirigiram-se á estação do caminho de ferro, afim de saudarem os excursionistas.

Poucos minutos decorridos depois da sua chegada alli, ovuiu-se um pequeno silvo da locomotiva que arrastava as 15 carruagens que traziam os sympathicos operarios do Porto e Gaya. O povo então pôz-se em borborinho, as musicas mencionadas romperam com o hymno operario e as saudações ao povo trabalhador das duas cidades, os vivas ao socialismo ao povo livre, aos operarios de todo o mundo, a José Estevam, etc., etc., são jovias e casam-se com o estralar de dezenas de girandolas de foguetes.

Parado que foi o comboyo, houve uma effectuosa troca de palavras e no Largo da Estação organisou-se novamente o cortejo, que foi bello! magestoso! N'elle tomaram parte todas as associações, phylarmonicas, Bombeiros Voluntarios, banda dos bombeiros municipaes de Gaya e os operarios do Porto com 43 bandeiras. As ruas do itinerario, que foi exactamente o annunciado pelo programma publicado no nosso ultimo n.º, achavam-se quasi todas embandeiradas e em muitas janellas viam-se colgaduras de damasco.

Chegado o cortejo ao Largo Municipal, as associações rodearam com as suas bandeiras o monumento do grande liberal José Estevam, e em seguida usaram da palavra os operarios Maximo Henriques d'Oliveira, d'esta cidade, e Maravilhas Pereira, do Porto. O primeiro deu, em seu nome e em nome de todos os seus camaradas, as boas-vindas aos sympathicos visitantes, terminando por levantar vivas á confraternisação operaria, etc; o segundo dizendo que cumprimentava com a sua mão callosa os operarios de Aveiro, pela maneira bisarra como elles receberam os seus irmãos de trabalho, demonstrando assim que, como estes, elles tambem aspiram aos direitos que a sociedade ha de um dia reconhecer-lhes.

Terminando, disse que tomava a liberdade de offerecer á municipalidade aveirenses e á commissão do monumento a José Estevam um livro para ser collocado alli como recordação e homenagem ao grande orador liberal.

N'aquelle livro de marmore, lê-se o seguinte na primeira pagina:

... para mim é um grande absurdo isto de religião da maioria. A religião é da consciencia e na consciencia não ha maioria nem minorias.—Discurso parlamentar de José Estevam.—9-7-1861.

Segue a maxima de Karl Marx: Proletarios de todo o mundo, univós!

Na segunda pagina ha esta legenda:

Ao grande orador liberal José Estevam Coelho de Magalhães e á cidade de Aveiro.—Recordação da visita dos operarios portuenses, em excursão promovida pelo Grupo de Propaganda Fraternidade Social, em 11-8-901.

Finda a recepção solemne o cortejo dispersou, visitando depois, alguns excursionistas, varios pontos da cidade.

As 11 horas realiso-se o cortejo fluvial em direcção á barra; mas pelo mau estado como se apresentou o tempo, soprando fortemente o vento norte, não foi possivel dirigir-se até alli a flotilha que era de lindo effeito, e por isso os excursionistas viram-se obrigados a fazer o resto da viagem a pé e em carros. Todavia quando regressaram vinham muito animados, prova evidente de que apesar do pessimismo dia a viagem não lhes havia desagradado e que ainda assim d'ella traziam gratas impressões.

Podia ser melhor, lá isso podia, mas como o tempo não se conforma muito com o socialismo, eis o motivo porque se apresentou assim.

O pic-nic, annunciado tambem no programma, realiso-se na Calle da Villa, no Forte. A elle presidiu sempre a maior animação e entusiasmo, havendo trocas de palavras e muitos vivas.

Pelas 7 e meia da noite organisou-se, no Largo Municipal, a marcha aux flambeaux, composta de operarios portuenses e aveirenses, com baldes ve-nezianos e archotes, produzindo o cortejo um effeito surpreendente. No percurso até á estação repetiram-se os vivas, sempre calorosamente correspondidos; até que ás 9 horas o comboyo partiu, no meio das maiores saudações.

Pena é que estas festas se não repetiram muitas vezes, afim de ver se Aveiro saía da monotonia em que jaz.

ANNUNCIOS EDITAL

A Commissão local de Socorros á Naufragos de Aveiro, abre concurso para adjudicação da construcção e montagem de uma casa abrigo para o salva-vidas d'este porto, na praia de S. Jacintho, lado da ria, junto á barra. O projecto, caderno de encargos e condicções da arrematação, acham-se patentes na Capitania do porto, até á vespera da arrematação, que terá logar no Governo Civil, pela 1 hora da tarde, do dia 3 de setembro proximo.

O Secretario,

Francisco da Silva Carvão.

(103)

FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXX

Elle estremeceu e todos os seus membros se contrahiram; mas, recuperando no mesmo instante o seu animo habitual, exclamou:— Quem está ahí? Quem és tu que ousas fazer-te echo das minhas palavras em voz semelhante á de uma cornuja? Approxima-te da minha cama para que eu te veja.

—Eu sou o teu anjo man, Reginaldo Testa-de-Boi, replicou a voz.

—Então mostra-te sob a tua

fôrma corporal, se realmente és um demónio, replicou o cavalleiro moribundo; não penses que me intimidas. Pela eterna masmorra! pudessem en luctar corpo a corpo com estas carantouhas horrendas que andam em roda de mim, assim como o fiz com os perigos mortaes, que nem céos nem inferno poderiam dizer que eu fugi ao combate!

—Pensa nos teus peccados, Reginaldo Testa-de-Boi, disse a voz quasi sobrenatural,—rebellião, rapina, assassinato! Quem incitou o dissoluto principe João á revolta contra seu velho pae e contra o seu generoso irmão?

—Sejas tu feiteiro, padre ou demónio, replicou Testa-de-Boi, mentes com quantos dentes tens na bocca! Eu não incitei João a revoltar-se... não fui só eu... nós

estavamos lá cincoenta cavalleiros e barões, a flor dos condados do interior... nunca meliores cavalleiros puzeram a lança em riste... E hei de responder eu só pela falta de cincoenta? Desafio-te, falso demónio! Vae-te, sae de ao pé da minha cama... deixa-me morrer em paz, se és mortal, e se és demónio, ainda não chegou a tua vez.

—Não, não has-de morrer em paz, repetiu a voz; na propria occasião da tua morte has-de pensar nos teus assassinios, nos gemidos que teem echoado n'este castello, no sangue de que estão manchados os seus pavimentos.

—Não julgues que me abalam essas frioleiras, respondeu Testa-de-Boi com um riso medonho e forçado.—O judeu infiel?... Procedendo com elle como procedi, fiz um acto meritorio para os céos;

aliás porque se ha-de canonisar quem tinge as mãos em sangue sarraceno?... Os porqueiros saxões que eu matei eram inimigos do meu paiz, da minha linhagem e do meu senhor feudatario... Ah! ah! já vês, não ha fallias na minha couraça... Foste-te embora? Fiz-te calar?

—Não, infame parricida! replicou a voz. Pensa em teu pae! lembra-te da sua morte! lembra-te da sala do festim inundado do seu sangue, que foi derramado pela mão de seu filho!

—Ah! responderen o barão, depois de uma longa pausa, se tu sabes isso, de certo és o anctor do mal, e és omnisciente, como dizem os frades. Esse segredo julgava-o en encerrado no meu peito e no de mais alguém... a tentadora, a minha cumplice no crime. Vae-te, dei-

xa-me, demónio! o vae proenrar Uirica, a bruxa saxonia... Só ella pôde contar-te o que só teve por testemunhas a mim e a ella. Vae, já te disse, vae ter com ella, que foi quem lhe lavou as feridas, euterrou o cadaver e lhe deu a apparencia de morte natural. Vae ter com ella, que foi a minha tentadora, a minha infame provocadora, o meu horrendo premio... Sinta ella, como eu, os prenuncios das torturas que lhe estão reservadas no inferno!

—Já as está sentindo, disse Uirica avançando para junto do leito de Testa-de-Boi. Ha muito que ella babe por essa taça, e sente-a agora menos amarga por ver que tambem bebes por ella.

(Continua.)

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

**ALBINO PINTO DE MIRANDA**, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacaveim que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha' tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços razoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de alubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

**Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consular em casa do freguez.**

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principais fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereas e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

**AVEIRO**

**FERRAGENS**, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, preços, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarras, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chlorato, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para cantieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

**Domingos José dos Santos Leite**

RUA DO CAES

**AVEIRO**

**NOVA ALOUILLARIA**

DE

**MANUEL PICADO & PEREIRA**

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluguer, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—AVEIRO

**MAIS UM TRIUMPHO!**

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALBÔES

Garante-se a perfeição e solidez

PREÇOS MODICOS

NOVIDADE LITTERARIA

**SIGAMOL-O!**

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de **EDUARDO NORONHA**

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

**SEM DOGMA**

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

**QUO VADIS?**

tradução de **EDUARDO DE NORONHA**

300 rs. cada volume 300

A' venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

**POVO DE AVEIRO**

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

**ALMANACH HACHETTE**

PARA 1901

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

**Os Mystérios da Inquisição**

POR

**F. GOMES DA SILVA**

Obra illustrada a cores por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam affictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se relbrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'esta grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Preçoso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

NOVIDADE LITTERARIA

**O DILUVIO**

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolvem-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as homericas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

ARMAZENS

DA

**BEIRA-MAR**

DE

**MANUEL CONÇALVES MOREIRA**

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

**AVEIRO**

D'aqui levarás tudo tão soejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

**CONFECÇÕES:**

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquillarias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

**N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.**

**PARA E MANAUS**



Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil, passagens em 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, em todas as companhias de paquetes, a preços reduzidos. Vapores a sabir de Leixões e Lisboa.

As passagens tomadas n'esta agencia gozau de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas companhias a srs. passageiros; tambem se sollicitam passaportes e trata-se de obter no Porto e nas provincias todos os documentos necessarios para os mesmos.

**Passagens gratis**

Concedem-se a familias de agricultores, para o Estado de S. Paulo, pelos paquetes de 28 de maio e 13 de junho.

Para mais esclarecimentos, dirigir aos agentes habilitados, em harmonia com a lei.

**Africa Occidental**

Paquetes em 6 e 21 de cada mez.

**ABEL, PAULO & PEREIRA**

82, PRAÇA DA BATALHA, 83

(EM FRENTE AO GOVERNO CIVIL)

PORTO

**PUBLICAÇÕES**

**Bibliotheca**

**HORAS ROMANTICAS**

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1. vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet.—1 vol.

SENHOR EU, de Farina.—1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA  
Successora da antiga casa David Corazz

**Viagens Maravilhosas**

Coroadas pela academia franceza

**A CARTEIRA**

**DO REPORTER**

POR

**JULIO VERNE**

Com esplendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de PEDRO VIDOIRA

50 rs. cada semana, no acto da entrega

**"O NORTE,"**

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.